

S

sumário

INTRODUÇÃO 7

Uma apresentação pessoal	7
Uma apresentação “histórica”	19

I. O AMOR 40

1. Conceito de amor	41
2. Amor <i>versus</i> individualidade	53
3. O fator antiamor	67
4. O amor e a razão	79

II. O AMOR E O CASAMENTO 90

1. O amor “pede” casamento	91
2. O casamento entre pessoas diferentes	110
3. A paixão	138
4. O amor entre semelhantes	160

III. PARA ALÉM DO AMOR 182

UMA APRESENTAÇÃO PESSOAL

É verdade que temos progredido muito no entendimento do fenômeno amoroso; não menos verdade, porém, é que ainda temos muito a caminhar até a plena compreensão de todas as suas peculiaridades. A tarefa é importantíssima, pois o sofrimento relacionado com as questões sentimentais continua a ser enorme.

As pessoas sofrem na vigência das relações amorosas. Sofrem também porque estão sem parceiro, condição na qual se sentem abandonadas, inferiorizadas, solitárias. Sofrem mais ainda nos períodos correspondentes às rupturas de vínculos nos quais estiveram seriamente empenhadas e dos quais esperavam a continuidade eterna. Então, a dor é brutal. É dor de morte, louvada em verso e prosa pelos poetas e escritores de todos os tempos. Apesar de estarmos vivendo um período peculiar, caracterizado por rápidas mudanças em tudo que nos cerca e mesmo em algumas de nossas propriedades íntimas, nossos sonhos românticos ainda são os mesmos. Nossas fantasias em relação ao casamento continuam a ser muito parecidas com as de nossos ancestrais; ainda nos assustamos quando acontece o eventual fracasso conjugal, apesar de tudo, sempre inesperado.

O meu interesse pelas questões da sexualidade e do amor estabeleceu-se em virtude de uma série de fatores que, hoje, considero difíceis de serem atribuídos a simples coincidências. É como se tivesse havido um encadeamento segundo algum critério que eu, na ocasião, desconhecia. Ingressei na faculdade de medicina em 1961. Formei-me em 1966. Durante o curso já me preparava para fazer especialização em psiquiatria, uma vez que, para mim, a psicologia sempre correspondeu à área de maior interesse. Em 1966 “caiu-me” nas mãos o livro de Masters e Johnson¹ sobre a sexualidade humana, trabalho experimental e pioneiro que provocou grande impacto na época e me influenciou muito.

Iniciei minha vida profissional com grande entusiasmo, muita coragem e algum conhecimento. Aprendi com os meus pacientes e com as leituras sobre a condição humana, o que, até hoje, corresponde ao que mais gosto de fazer. Meus pacientes continuam a ser minha maior fonte de aprendizado, e sei muito bem o débito que tenho para com eles. **Hoje sei avaliar quanto a ignorância inicial me foi útil para que pudesse olhar para os fatos da vida de uma forma própria, original. Costumo dizer que a ignorância é muito criativa! É criativa, não há como deixar de ser assim, pois somos obrigados a dar algum tipo de solução aos dilemas que nos são apresentados.** Por outro lado, por sua natureza, essa situação é geradora de enormes tensões e inseguranças.

¹ MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E.; REPRODUCTIVE Biology Research Foundation. *Human sexual response*. Boston: Little, Brown, 1966.

Não consegui me identificar com nenhuma das “escolas” que norteavam os procedimentos psicoterápicos. Influenciado por um psicanalista dissidente — mais no sentido da prática do que pelas ideias — chamado Franz Alexander, passei a dedicar-me ao que se chamou de psicoterapia breve. Esse tipo de atividade permite o convívio com um grande número de pacientes, de modo que, nestes quarenta anos de trabalho intenso, acumulei uma experiência quantitativa incomum. Tive muitos pacientes desde o início da prática; na época, as queixas relacionadas aos assuntos sexuais eram muito frequentes. Mais que depressa, pus-me em campo, tratando dessas questões de modo muito pouco ortodoxo. Associei hipóteses derivadas das teorias psicanalíticas com proposições práticas sugeridas por Masters e Johnson, além de outras ideias depreendidas da leitura de trabalhos publicados em revistas especializadas.

Nessa época, aprendi muito. Entre outras coisas, aprendi que o bom andamento da vida sexual era muito dependente da parceria que se estabelecia. **Uma mulher poderia ser “fria” — usava-se muito esse termo para definir dificuldade orgástica — com o seu marido e exuberante com o amante. Um homem poderia ter vida sexual normal com sua esposa e ficar totalmente impotente diante de uma prostituta. Poderia também ficar impotente diante de uma mulher muito bela, principalmente se por ela tivesse desenvolvido um grande entusiasmo sentimental. Uma mulher “fria” com o marido poderia se tornar “exuberante” de uma hora para**

a outra se viesse a saber que ele estava encantado por alguém e disposto a se divorciar.

Tais situações podem nos parecer, hoje, muito simples de ouvir e de explicar. Porém, refiro-me ao período que vai de 1968 a 1974, quando ainda se pensava que o único orgasmo verdadeiro era o vaginal e que o prazer clitoridiano era indício de imaturidade emocional. Naquela época, as informações a respeito do sexo eram tão poucas e tão obscuras que ainda era relevante ensinar aos jovens que a masturbação não é prejudicial à saúde. As moças se conservavam, como grande regra, virgens até o casamento. Os rapazes só tinham intimidades com prostitutas e com algumas moças, em geral de classe social inferior à deles.

Com o passar dos anos, foi ficando claro, para mim, que as hipóteses psicanalíticas não eram adequadas para explicar os fenômenos da vida sexual que eu observava. Ao mesmo tempo, fui notando que as reflexões e proposições práticas dos defensores das técnicas mais objetivas para o tratamento das dificuldades sexuais eram insuficientes. As peculiaridades da dinâmica interpessoal, dos aspectos não sexuais envolvidos no relacionamento entre aquele homem e aquela mulher, foram aparecendo aos meus olhos como cada vez mais importantes para a compreensão do que acontecia na intimidade física que eles estabeleciam.

É desnecessário enfatizar que viver um período como este, caracterizado por dramáticas mudanças e grandes novidades em todas as áreas, não significou apenas observar os meus pacientes. Eu era jovem, ti-

nha sido criado segundo os modelos em vigor nas décadas anteriores, de modo que também sofri o impacto da revolução de costumes dos anos 1960.

Acompanhei várias histórias de pessoas que se apaixonaram, quase sempre em condições objetivas de impossibilidade — é bom lembrar que tais impedimentos eram levados muito a sério até aquela época. Ganhei outro livro que me influenciou muito: *A separação dos amantes*², de Igor Caruso, publicado na Áustria em 1968 e traduzido para o espanhol em 1970. Percebi a pobreza da literatura técnica acerca das questões do amor e, por motivos subjetivos e objetivos, passei a interessar-me muito mais pela temática do amor do que do sexo. **Foi parecendo cada vez mais claro para mim que o sucesso ou o fracasso da atividade sexual dependia, como regra, das peculiaridades da relação amorosa envolvidas no processo.** Hoje sei que as coisas não são tão categóricas assim; mas, na época, essa convicção fez que a maior parte do meu interesse fosse voltada para o estudo das características da vida conjugal, seus problemas e eventuais soluções. As observações que fiz até então redundaram em um livro que publiquei em 1975, chamado *Dificuldades do amor*³. Atualmente talvez só tenha valor histórico, pois os temas dessa natureza não tinham sido objeto de publicação no Brasil — como de

2 CARUSO, Igor. *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*. Trad. João Silvério Trevisan. 5. ed. São Paulo: Cortez/Diadorim, 1989.

3 *Dificuldades do amor: um estudo sobre os tumultos na vida a dois. Com destaque para os casos de paixão e suas semelhanças com o uso de drogas*. São Paulo: MG, 1975.

resto eram raros tais textos mesmo na literatura mundial. Nesse mesmo ano apresentei um trabalho no encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) sobre o amor como instrumento de repressão e violência, no qual já apresentava, ainda que de forma tímida, algumas observações críticas a respeito dessa emoção, que as pessoas gostam de ver como linda e portadora unicamente de boas vibrações.

A partir de 1976, ficou claro para mim que havia dois modos básicos de escolha do objeto do encantamento amoroso, que poderiam ser chamados de “as razões do coração”: ou nos encantamos com nossos opostos ou com pessoas semelhantes a nós. Nos casos de união entre pessoas diferentes — que correspondem à maioria das ligações —, foi ficando evidente que uma delas é predominantemente egoísta. Essa união equivale ao tipo “sádico” descrito por Erich Fromm em *A arte de amar*⁴, uma das honrosas exceções à escassa produção a respeito do amor até então. **A outra é essencialmente generosa**, correspondendo ao “masoquista” na terminologia de Fromm. **O estudo do egoísmo e da generosidade tornou-se, em virtude disso, importantíssimo para mim, de modo que, por essa via, comecei a lidar com questões mais filosóficas e de natureza moral. O homem justo, nem generoso, nem egoísta, foi transformando-se no tipo ideal, capaz de dar e receber na mesma medida.** O homem justo poderia ser, tam-

4 FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

bém, livre, o que está mais próximo de um sonho do que de um fato em nossa existência.

Com Freud, tínhamos aprendido que o sexo e o amor eram duas facetas do mesmo instinto, chamado de instinto de vida. Foi ficando cada vez mais indiscutível, aos meus olhos, que sexo e amor eram de naturezas completamente diferentes; e, não raro, expressavam-se de modo antagônico. Era o caso, por exemplo, das paixões que podiam ser responsabilizadas por marcas inibições sexuais nos homens. **Ainda me recordo do susto que levei quando me surgiu a ideia, ainda não registrada por ninguém, de que o amor era um instinto autônomo. Pareceu óbvio, naquele momento, o fato de o amor se governar por processos diferentes dos do sexo.** E mais: que na vigência do relacionamento amoroso o que acontecia na intimidade sexual estava subordinado às peculiaridades do vínculo afetivo. **Por esse caminho concluí que o sexo isolado do amor era governado por regras próprias e que as dificuldades que aí aparecessem estariam relacionadas com problemas específicos dessa área. Por outro lado, o sexo integrado nas relações amorosas seria governado pelas regras do amor, de modo que as dificuldades surgidas nesse contexto refletissem inadequações peculiares ao relacionamento afetivo.** Essa visão era muito atraente, pois explicava — e ainda hoje penso que explica — a grande maioria dos casos de dificuldades sexuais que a prática clínica colocava diante de mim.

O passo seguinte foi tentar entender por que as relações entre pessoas semelhantes — em especial, duas pessoas mais generosas — eram tão frequentes na determinação do elo conjugal. A questão tornava-se mais intrigante quando correlacionada com o fato de que tal tipo de união era a regra nas centenas de histórias de paixão que eu acompanhava. A época — fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 — foi marcada pelo aumento da frequência de divórcios e por sua maior aceitação social. Em virtude desse fato, os obstáculos externos imputados como determinantes para a não-consumação das alianças se tornaram mais fáceis de serem removidos. Apesar disso, **a maioria das paixões — ligações intensíssimas e ricas em medo e inseguranças — continuava a terminar com a separação dos amantes.** Por outro lado, ainda era muito comum o segundo casamento; respeitava, porém, o tradicional critério da união entre opostos. **As ligações mais intensas redundavam em separação, e as mais “brandas” em casamento! Era preciso tentar explicar tamanha contradição.**

A contradição era muito relevante, pois para mim havia se tornado óbvio que as boas relações eram aquelas que se estabeleciam entre pessoas de temperamento, gostos, aptidões e caráter semelhantes. Nossos amigos sempre foram escolhidos dessa forma, ao passo que nossos namorados e cônjuges eram o oposto de nós. Vivíamos bem com os amigos e mal nas relações conjugais. Fomos educados para achar que os bons relacionamentos se estabeleciam entre opostos. O ditado popular dizia que “dois bicudos não se

beijam”. As pessoas afirmavam — e não são poucas as que afirmam até hoje — que viver com parceiros parecidos, não havendo, assim, motivo para brigas, é muito monótono. Esquecemos que os casais sempre brigam do mesmo modo e pelas mesmas razões. Brigam brigas repetidas.

A separação dos amantes apaixonados deriva de fatores em sua maioria pouco relevantes, que acabaram por me levar a suspeitar de um importante “fator antiamor”. Chamei-o, em 1978, de “medo do amor”; em 1980, passei a vê-lo como parte de um processo mais complexo, que denominei de “medo da felicidade”. O medo do amor correspondia ao medo de perder a identidade, a individualidade, em decorrência da fusão romântica intensa. O medo da felicidade é causador daquela sensação de iminência de tragédia que nos assalta quando estamos muito felizes. E nada é capaz de provocar-nos maior sensação de felicidade do que um encontro amoroso sólido e aconchegante. É tudo que queremos e também o que mais tememos, pois nos parece que sua concretização virá acompanhada de inevitáveis catástrofes.

O entendimento mais consistente desse “fator antiamor” provocou em mim certa tranquilidade acerca do assunto, ainda que não me parecesse possível acabar totalmente com o medo relacionado ao envolvimento afetivo rico. Aparentemente as coisas estavam claras, pois a relação entre pessoas semelhantes era a melhor solução e os medos a ela associados tinham de ser “administrados”. Por volta de 1979, retomei as questões sexuais. Nessa ocasião comecei a presentir a existência de importantes

diferenças na natureza do desejo masculino em comparação com o feminino. A época era muito inoportuna, pois o discurso oficial pregava a “óbvia” igualdade entre os sexos. Estávamos no auge do feminismo exaltado, da descoberta da dignidade do orgasmo clitoridiano. A indiscutível defesa da igualdade de direitos e deveres sociais entre os sexos estendia-se também para o universo da psicologia. Tive problemas, mas não pude deixar de dar sequência à minha caminhada. Defendi com vigor, por exemplo, que o desejo visual era muito mais importante para o homem do que para a mulher.

Essa diferença no campo da sexualidade traz algumas dificuldades para a relação amorosa, uma vez que os homens se sentem diminuídos pelo fato de não serem desejados do mesmo modo que desejam. Isso os faz invejosos em relação às mulheres, condição na qual se tornam agressivos, “machistas”. A inveja dos homens em relação às mulheres pareceu-me mais importante e universal do que a “inveja do pênis” que Freud atribuía às mulheres. Dediquei boa parte do meu esforço a tentar entender melhor a subjetividade masculina, beneficiado pelo crescente número de clientes desse sexo no cotidiano da prática clínica.

A retomada da questão sexual também me impulsionou na direção do estudo de um ingrediente fundamental desse instinto: a sensação de excitação difusa que sentimos ao nos exibirmos, ao provocarmos olhares de desejo, interesse ou admiração. Refiro-me à vaidade humana, tema mais do que negligenciado pelos textos

psicanalíticos e pela literatura em geral. A vaidade participa ativamente das nossas decisões, das nossas ações e posturas emocionais, de modo que seu estudo me pareceu indispensável. O próprio fenômeno amoroso está altamente “contaminado” por essa emoção. A confirmação dessa afirmação está no discurso das pessoas apaixonadas: “Você é incrível, maravilhosa; é a pessoa mais especial que conheci; é a mais linda” etc.

Desde o meu primeiro livro, de 1975, registrei as semelhanças entre a paixão e a dependência que os drogados têm dos seus “vícios”. Circunstâncias pessoais levaram-me a refletir e a escrever também sobre o tema das dependências. O primeiro trabalho tratava da obesidade e o segundo das dificuldades para abandonar o “vício” do cigarro — as aspas, que deixarei de usar daqui em diante, referem-se ao duplo sentido dessa palavra em português. Infelizmente não existe, ao menos como uso consagrado, um termo que não expresse essa postura recriminatória em relação às dependências em geral. A semelhança dos fenômenos observados nas dependências de drogas com os que se encontram no encantamento amoroso foi se tornando mais e mais evidente.

Começou a formar-se, na minha mente, uma corrente de reflexão oposta àquela que vinha desenvolvendo. Eu já sabia que o amor implicava dependência. Achava que, para que o problema ficasse bem “resolvido”, bastava “depende da pessoa certa”. Havia riscos, é claro; por isso mesmo, amar sempre foi visto como um ato de coragem que as pessoas com pouca tolerância à dor não cos-

tumam empreender. Além do desejo de estabelecer um elo amoroso, era necessário ter essa capacidade para lidar com as dores e frustrações presentes nessa empreitada de risco. É forte, ainda hoje, minha convicção de que a maior fraqueza de um ser humano é a incapacidade de lidar com as dores da vida, que, além de tudo, são inevitáveis.

Com o tempo, foi crescendo essa corrente interna que acreditava não ser o amor muito mais do que qualquer outro tipo de dependência. O processo não se formou a partir do nada. A verdade é que comecei a observar um número crescente de pessoas realmente optando por ficar sós, por não se casar. Essas pessoas estavam optando por não tentar se resolver por meio da ligação romântica, por meio do outro. Essa opção é um fenômeno muito diferente de não se envolver por medo das dores próprias de eventuais perdas. **Comecei a vislumbrar a possibilidade de um bom número de pessoas estar se encaminhando a uma opção pela individualidade. Passei a refletir sobre a seguinte hipótese: se as pessoas conseguirem ficar razoavelmente bem consigo mesmas, que tipo de envolvimento amoroso elas estabelecerão?**

As perguntas multiplicaram-se com uma velocidade extraordinária. É possível ser feliz sozinho? Se for, as pessoas desejarão amar? Como será esse amor? No futuro, essas pessoas independentes ainda pretenderão se casar? O que é mais importante: o encontro amoroso ou a liberdade individual? Será possível a existência de um elo amoroso que respeite a liberdade do outro? Como será a vida sexual das pessoas mais indepen-

dentos e mais competentes para ficar sozinhas? E os filhos, quem desejará tê-los? Chegou, finalmente, a hora da tão anunciada “morte da família”?

Minhas vivências pessoais e a prática clínica diária, ao longo destes quarenta anos particularmente difíceis e atraentes da nossa história, trouxeram-me a este ponto da trajetória, em que coisas fundamentais estão acontecendo — ou prestes a acontecer. Tudo leva a crer que o equilíbrio entre a importância do amor e da individualidade está em via de alterar-se, mudar de posição.

UMA APRESENTAÇÃO “HISTÓRICA”

Não são raros os momentos em que me sinto tentado a escrever como os poetas e romancistas. Eles dispõem de uma liberdade invejável, pois não estão comprometidos com a precisão dos fatos. Podem, nessas condições, chegar mais próximo de eventos cujo desenrolar nós desconhecemos. Com um pouco da liberdade que só costumamos atribuir a eles, gostaria de poder dividir a história do homem na Terra em três partes: o período em que vivemos como nômades, sem acasalamento e organização social sistemáticos; o período no qual passamos a viver em grupos maiores e aos pares; e finalmente o período que se iniciou nos anos 1960, cujas características mais definitivas apenas podemos delinear.

Do ponto de vista da psicologia, e em particular para os temas que estou tentando abordar com mais profundidade, essa divisão — que por outros aspectos pode parecer arbitrária — parece-me extremamente útil. **A vida**

primitiva, anterior às regulamentações obrigatórias da vida em grupo, caracterizava-se pela livre expressão da nossa natureza animal. Todos os nossos impulsos estavam livres para tentar se exercer. Estavam limitados apenas pelas outras forças da natureza com as quais teriam de se confrontar. Por exemplo, se o homem era fisicamente mais forte do que a mulher, tinha acesso sexual a ela de acordo com o seu desejo. Para a caça de um animal, a pessoa dependia de que suas forças fossem maiores do que as da presa pretendida. Contava, é verdade, com sua inteligência sofisticada.

No entanto, a inteligência mais sofisticada nem sempre foi de grande valia, o que se repete em cada um de nós nos primeiros meses de vida. Enquanto o nosso cérebro privilegiado não for capaz de acumular certa quantidade de informações e não puder correlacioná-las, pouca será a serventia prática da inteligência. A história de cada um de nós repete a história da espécie; é o que se diz e, penso, faz sentido. Costumo dizer, aparentemente como brincadeira, que o homem é um macaco portador de um computador especial. Como o computador ainda não estava em operação por falta de informações suficientes, vivíamos mais de acordo com o macaco, de acordo com nossa natureza animal e instintiva. É difícil imaginar exatamente como era o íntimo das pessoas, como sentiam umas às outras, que tipo de vínculo e apegos estabeleciam entre si. De todo modo, penso que a maior ocupação desse animal humano era sobreviver em um *habitat* extremamente adverso.

A vida em grupo – acasalamento estável, procriação com parceiro definido e surgimento das famílias, subgrupos cada vez maiores, tais como tribos, cidades e nações – caracterizou-se pela influência crescente do nosso “computador”, cujo “software” foi paulatinamente – e com grande dificuldade inicial – abastecendo-se de informações e conhecimentos. Nosso computador, por intermédio de uma de suas instâncias, que chamamos de razão, foi criando as condições para que exercêssemos um domínio cada vez maior sobre o meio onde vivíamos. Aprendemos a nos defender cada vez melhor dos animais ferozes que nos cercavam; sofisticamos mecanismos de caça aos mais fracos, bem como o confinamento de alguns deles para fins de alimentação; outros domesticamos com o objetivo de serem utilizados para tarefas que nos poupariam esforços. Ao entendermos um pouco mais acerca da natureza dos vegetais, pudemos nos dedicar ao cultivo sistemático da terra. **Não podemos deixar de nos orgulhar, pois foi extraordinária a nossa capacidade de interferir e modificar o que aqui encontramos. Nossas cidades de hoje não guardam a mais remota semelhança com a selva primitiva que existia antes de nós. Usufruímos os frutos da nossa razão, geradora da ciência e da técnica, cujos benefícios para nossa qualidade de vida são inestimáveis.**

Penso que é válido afirmar que a maior parte da nossa energia psíquica, ao longo dos milênios que nos separam da fase inicial, quando vivíamos quase como macacos, foi

gasta na busca da resolução das necessidades básicas de sobrevivência. Elas eram tantas e as adversidades tão brutais que era lógico nos dedicarmos a isso antes de qualquer outro objetivo. A fome, o frio, as doenças e as dores do corpo tinham de ser debeladas ou, ao menos, minoradas. Sabemos que processos complexos logo se estabeleceram na trama da vida social; logo surgiram desigualdades tanto na distribuição dos esforços como nas recompensas relativas aos cada vez mais intrincados sistemas de produção. O crescimento da população acabou sendo muito grande, até maior do que a capacidade humana de produzir riquezas. **Hoje sabemos que também não dispomos de reservas inesgotáveis. Esse é, a meu ver, mais um indicador de que estamos no fim de um período da nossa história, provocando uma importante inflexão no curso de nossa maneira de viver, de pensar, de sentir e de agir.**

Todavia, com o objetivo inicial de maximizar o aproveitamento das energias humanas, que, na vida em grupo, deveriam se somar, a razão passou a interferir também na natureza interior de cada um de nós. Não é preocupação minha, neste instante, saber se essa tendência para o domínio de nossas peculiaridades “mamíferas” estabeleceu-se com o intuito de favorecer esta ou aquela liderança dentro dos grupos sociais cada vez mais complexos. Não é esse o tema. Da mesma forma, não é o caso de avaliarmos como as “forças sobrenaturais”, sempre pressentidas, foram usadas para intimidar o “macaco” que existe dentro de nós. **O que é essencial e indiscutível é que, com o intuito de tentar resolver as**

necessidades básicas de sobrevivência, interferimos tanto na nossa realidade externa como na interna.

Na prática, isso significou o aumento do número de regras limitadoras do livre exercício da nossa natureza. O acasalamento passou a ser regulamentado e estabeleceram-se as chamadas proibições incestuosas. A iniciação sexual assume um caráter ritual em muitos grupos, o que significa que surgem regras delimitadoras para a expressão desse desejo. Acontece o mesmo com nossas reações agressivas, que poderão se expressar em tantas e tais situações e deverão ser reprimidas em tantas outras. (A carne humana poderá ser comida ou não, dependendo do que se regulamentou.)

Nesses grupos, cada vez maiores e mais complexos, existem os mais poderosos, os que detêm a liderança. Estes sempre conseguem exercer seus desejos de forma mais livre, burlando as regras que eles mesmos ajudaram a estabelecer. Surgem, pois, as grandes desigualdades conhecidas de todos nós. Surgem as proibições e, com elas, as transgressões. Surgem as penalidades para os que transgrediram; e os privilegiados sempre encontrarão uma forma de se livrar das punições. As coisas são assim até os dias de hoje.

Do ponto de vista material, a vida assim organizada trouxe os enormes benefícios que conhecemos. Do ponto de vista da nossa subjetividade, porém, gerou em cada um de nós algum tipo de partição, de conflito. Reconhecemos a necessidade prática de determinadas limitações; porém, isso não faz que os nossos desejos desapareçam.

Reconhecemos que a vida em família, por exemplo, é aconchegante e útil, mas essa constatação não elimina o desejo sexual por outras criaturas, além da que nos foi “destinada”. Podemos respeitar as normas que garantem a propriedade individual, porém não podemos deixar de coibir as coisas atraentes que não nos pertencem. Podemos conseguir conter a raiva e toda a nossa agressividade, mas não conseguimos deixar de “querer matar aquele desgraçado” que nos ofendeu.

Fica evidente e cristalina, pois, a observação de Freud de que é impossível a vida em sociedade sem que haja repressão de alguns aspectos da nossa natureza biológica. A repressão é um processo contínuo que tem de se renovar a cada momento; gera, pois, uma tensão também contínua. Os desejos não desaparecem, e têm de ser represados a cada instante. Nosso equilíbrio psíquico é, portanto, dinâmico e não estático. Isso vale para todos nós e também para os grupos sociais que constituímos. Com a finalidade de atenuar as tensões internas, os grupos podem lançar mão de certos esquemas capazes de aliviar uma parte das tensões acumuladas em decorrência das proibições inevitáveis. As guerras, os esportes de luta e as competições em geral liberam parte da agressividade em nós armazenada. Festas populares, como o carnaval, bem como a literatura erótica e pornográfica, ajudam-nos a equilibrar com menor tensão as frustrações derivadas das repressões sexuais. Em momentos especiais, somos “autorizados” a realizar uma parte dos nossos desejos reprimidos.